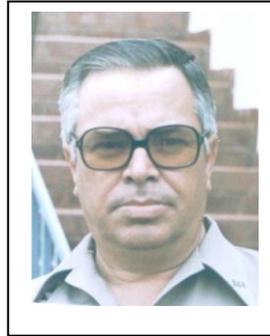


**FHE POUPEX**

## CAXIAS E A DOUTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente das Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de Sorocaba etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969, junto com o Cel Walter Albano Fressati bem como integraram o EME, II Exército 1976/1977. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e instalou em Sorocaba, sob a presidência do Professor Adilson César a AHIMTB-SP Gen Bertoldo Klinger federada a FAHIMTB, e instituiu como patronos de cadeira na FAHIMTB os seguintes ícones da PMSP Gerais Miguel Pereira e Marcondes Salgado e Cel Pedro Dias Campos. Delegacia na PMSP presidida pelo hoje acadêmico patrono de cadeira especial Cel PMSP E dilberto de Oliveira Mello. O autor inaugurou em 1977, na Academia Braileira de História a cadeira nº 12 Gen Div Augusto Tasso Fragoso.

**Artigo do autor na Revista A DEFESA NACIONAL, colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial nº 002 de 17 nov 2014 á AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército**

ISSN 0011-7641



# A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS

ANO LXXXVI - Nº 788  
SET/OUT/NOV/DEZ 2000



BENTO, Cláudio Moreira. Caxias e a doutrina militar terrestre brasileira. *A Defesa Nacional* nº 788, set/dez 2000 p. 150-153

**Castello Branco**  
*Editorial*

**Amazônia:  
500 Anos  
de Cobiça**  
*Jorge Calvário  
dos Santos*

**A Guerra  
do Paraguai  
em Números**  
*Nylson Reis Boiteux*

## CAXIAS E A DOCTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA

*Cláudio Moreira*

O Coronel Amerino Raposo Filho, em **Caxias e os problemas militares brasileiros** (Rio, SGeEx, 1969. v. 1ª série subsídios doutrinários) intitulou de **Caxias inspirador de nossa doutrina militar** no capítulo VI. Nele o pensador militar coronel Amerino, destacou e demonstrou a notável visão estratégica de Caxias e sua capacidade de adaptação, ao realizar, durante a sua vida, operações militares completamente diversas e em teatros de operações distintos: inicialmente, foram os **raids** audaciosos para conter as revoluções em São Paulo e Minas Gerais; depois o apelo à **guerrilha legal**, para combater as guerrilhas balaia, no **Maranhão**, e farrapa, no **Rio Grande do Sul**; e finalmente, no **Paraguai**, as manobras de flanco de *Humaitá* e **Piquiciri**, essa última culminando em cerco.

Vale lembrar que, na Guerra de 1851-52, empreendimento militar que liderou, Caxias adotou uma estrutura operacional e logística que deu excelentes resultados. Como Ministro da Guerra (1856), ele a transplantou no Exército, o que veio a constituir profunda reforma administrativa caracterizada pela criação das figuras do **Ajudante General**<sup>1</sup> do **comando das Armas da Corte** e da figura do **Quartel-Mestre-General**, encarregado da logística, diretamente a ele subordinados.

Na segunda vez que assumiu o Ministério da Guerra (1861), apoiado na imensa experiência operacional que colhera, adotou, com adaptações às realidades operacionais sul-americanas por ele vivenciadas, as **Ordenanças de Portugal** para as armas, **até que se dispuseses, como declarou, de uma doutrina específica genuinamente nossa.**

Para o Cel Amerino, a **manobra de flanco do Piquiciri** seria ímpar na **História Militar Universal**. Foi de concepção audaciosa aliada à rapidez e à surpresa da sua execução que culminou com o cerco de todo o Exército adversário na frente secundária de fixação. O adversário foi batido quando intentava a fuga, não a uma retirada. Caxias teria sido, assim, **pioneiro em manobra de cerco.**<sup>1</sup>

Para o Coronel Amerino as atuações operacionais: de Caxias estariam a sugerir uma doutrina militar fundamentada na **segurança, tática e estratégica em todas as direções**. Sua não observância pelo adversário, resultou para este em derrota, na **Dezembrada**.

Para Amerino, Caxias não foi um teórico mas essencialmente prático em relação à **Arte e Ciência Militar**.

Segundo o Marechal Castello Branco, ele possuía, em alto grau, **o senso do praticável e a convicção de que a Arte Militar é toda execução.**

Desse modo, Caxias teria escrito as bases da nossa doutrina militar terrestre com a ponta da sua espada e no campo de batalha, tal como o fizeram **Frederico, o Grande, Napoleão, Suvorow e Sherman.**

Amerino Raposo sugeriu, aos profissionais com responsabilidade na **formulação da doutrina militar terrestre brasileira**, que mergulhassem no estudo crítico de nossas guerras internas e externas, para delas emergir aquilo que orientaria o novo comportamento, no sentido do que deveria animar a nossa Força Terrestre e, em consequência, ajudar a caracterizar a guerra a ser conduzida nos diversos teatros de operações do País e da América do Sul. Quando alguém pediu, à **Missão Militar Francesa**, logo que aqui chegou, que nos ensinasse tática e estratégia, os franceses informaram que ambas estavam embutidas na **História Militar Terrestre Brasileira**, de onde deveriam ser resgatadas com **o estudo crítico à luz dos fundamentos da Arte Militar, a arte do Soldado**. A partir daí, vários oficiais mergulharam nos estudos assim

aconselhados, e deles saiu, como exemplo eloqüente, o General Augusto Tasso Fragoso, com suas obras a **Batalha do Passo do Rosário** e **A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**, que o fizeram o **Pai da História Militar Crítica em nosso Exército**.

O Coronel Amerino sugeriu doutrinas táticas terrestres com apoio nas atuações de Caxias. E explicou: "***Doutrina com intensa solicitação à surpresa, à audácia, à rapidez de movimentos; às manobras flexíveis, com estruturas leves e aptas a viver em grandes espaços, isoladas e, até à própria sorte. Doutrina que responda às peculiaridades de nossos teatros de operações, de nosso potencial humano e de nossas possibilidades econômico industriais.***

O que sugeriu pode ser facilmente identificado na expulsão de feitorias europeias no Baixo Amazonas e afluentes, na luta de trinta anos contra os holandeses na Bahia e em Pernambuco e na luta contra invasões espanholas no sul (1763-77). Nelas desenvolveu-se uma doutrina militar terrestre genuína denominada, na Europa, de **GUERRA BRASÍLICA** e, no Rio Grande do Sul, de **GUERRA À GAÚCHA**.

Com apoio na guerrilha, "***a estratégia do fraco contra o forte***", esse tipo de guerra teria sido apropriado por Caxias, na Revolução Farroupilha, ao entregar a condução das operações, no campo tático, a dois **experts** nessa maneira de guerrear. Vale lembrar que, na pacificação do Maranhão (1838), Caxias usou a guerrilha para combater a guerrilha balaia, ação que mais tarde inspirou comandos paraguaios para a solução de problema semelhantes.

Mais tarde, na luta pela independência do Acre, o gaúcho Plácido de Castro desenvolveu também uma doutrina militar genuína para enfrentar os bolivianos, apropriando-se de muito da **guerra à gaúcha** que praticara na Guerra Civil 1893-95 no sul, como major federalista.

Doutrinas com essas característica e inspiração, citadas por Amerino Raposo e com os precedentes históricos que apontamos, seguramente podem e devem ser implementadas para a defesa preventiva da Amazônia Brasileira. Aumentaria, em muito, a **capacidade dissuasória das forças terrestres** encarregadas de sua defesa, contra tentativas várias que possam pôr em risco a integridade, a unidade e a soberania do Brasil na área, no insondável Terceiro Milênio.

Sobre a defesa da Amazônia leia-se o valioso artigo do Tenente-Coronel Luiz Alberto Bringuel, **A Estratégia da Lassidão**, que responde às nossas reflexões e considerações aqui feitas e do qual tomamos conhecimento depois de havermos escrito esta parte. Ensina-nos o Tenente-Coronel Bringuel:

***Lassidão é a estratégia do fraco que valendo-se de alguns fatores a seu favor, reage no campo militar, evitando um engajamento decisivo contra uma esmagadora superioridade militar, impondo-lhe o máximo desgaste e enfraquecendo-lhe assim, a vontade de combater, visando obter na opinião pública do adversário forte pressão sobre o seu Congresso no sentido de suspender as ações armadas.***

E a **GUERRA BRASÍLICA** e a **GUERRA À GAÚCHA** tiveram características de lassidão que encontram suas raízes no pensamento militar português, com base na política de **DILATAR A FÉ CATÓLICA E O IMPÉRIO DE PORTUGAL** pelo mundo. Embora um país minúsculo territorialmente, conseguiu se impor e manter importantes territórios nos quatro cantos do mundo, inclusive o Brasil, por 322 anos. Eis o seu pensamento, na feliz interpretação do General Paula Cidade: "***Julgada a causa justa, buscar a proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.***

Dessa forma, eles conquistaram e mantiveram a Amazônia inviolável de 1640 a 1822.

O Coronel J.B. Magalhães, assinalado pensador militar e biográfico do General Osório, ao prefaciar o trabalho focalizado do Coronel Amerino, assim viu o valor, para o presente e o futuro do Exército, do aproveitamento crítico da história das Forças Terrestres Brasileiras, como força operacional com experiências guerreiras expressivamente vitoriosas:

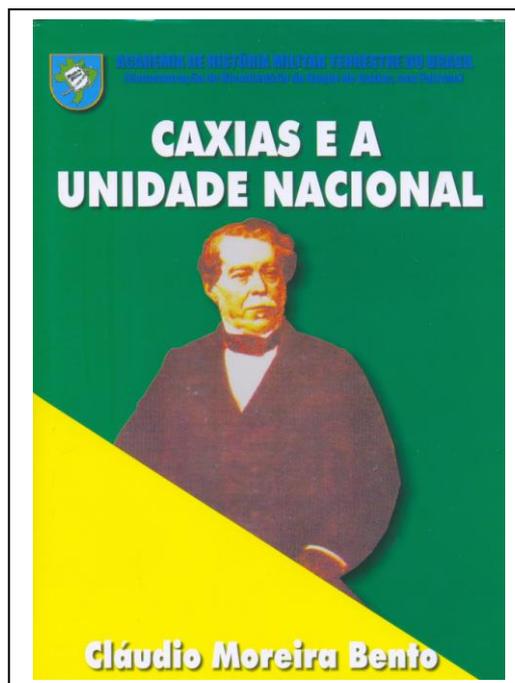
***Tudo o que existe deriva do que existiu antes. E é isto que dá valor positivo aos registros da História, permitindo fazer-se uma filosofia capaz de orientar com acerto as atividades humanas. E, analisando como atuaram em bem do progresso as elites de ontem, é que as elites le hoje e do amanhã poderão produzir eficazmente, consideradas as modificações ambientais.***

Sobre Caxias, ele assim interpretou-lhe a projeção como chefe militar:

***Caxias foi chefe militar de escol. Atuou em época de acentuadas transformações nos mecanismos da guerra. Soube utilizar os íeios de que dispunha, 'ando-lhes uma orientação apropriada ao seu maior rendimento.***

Caxias teve à sua disposição, e empregou, os meios que a descoberta da máquina a vapor, que gerou a **Revolução Industrial**, que produziu navios de guerra vapor; telégrafo; balões cativos, importados do Exército do Norte do EUA, e empregados nos reconhecimentos para flanquear Humaitá; linha férrea, construída e operada por nossa Marinha, para apoiar unidades navais que operaram no rio Paraguai entre duas fortalezas inimigas e, munição e armamentos abundantes, produzidos industrialmente e não mais artesanalmente.

Caxias, como Ministro da Guerra, lançou também as bases da **Doutrina Militar Terrestre Brasileira**, no tocante à regulamentação da **disciplina**, da **justiça militar** e dos **serviços gerais**. Desde então, novidades têm, como base de partida, os regulamentos específicos que baixou em 1856, 1862 e 1875.



Capa nosso livro **CAXIAS e a UNIDADE NACIONAL** publicado em 2003 no Bicentenário do Patrono do Exército e da Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil, disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site [WWW.ahimtb.org.br](http://WWW.ahimtb.org.br) criado e administrado pelo CMG Carlos Stumpf Bento, filho do autor